



série viridae . número 03 . dezembro de 2021

BAUDELAIRE EM ALPHONSUS DE GUIMARAENS & OUTROS POETAS BRASILEIROS¹

Alessandro Zir²

Num apanhado recente das posições surgidas no âmbito da crítica literária brasileira quanto à influência de Baudelaire na nossa poesia, Eduardo Horta Nassif Veras tende a destacar em primeiro lugar autores como Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos.³ Se de fato for essa a conclusão a ser inferida de uma série de trabalhos que começam com "A nova geração" de Machado de Assis, chegando aos estudos bem posteriores de Antonio Candido e Roger Bastide, somos obrigados a nos perguntar como veio a se estabelecer uma perspectiva de leitura tão deficitária.

Mesmo o poema "A ironia dos vermes" de Cruz e Sousa (citado por Veras) deixa muito a desejar do ponto de vista da contundência da poesia baudelairiana. Sem meias palavras, há aí literatices que muito comprometem o seu efeito em leitores modernos mais críticos ("castidade branca", "esquadrões flamívomos", "virgem madrugada"), acostumados à economia e corrosividade da linguagem jornalística e à brutalidade diária da metrópole. No caso de outros poemas, em *Broquéis*, por exemplo, além da ortografia arcaizante, cuja gratuidade parece pouco convincente, o principal problema é o da falta de tensão na forma com que se dá unidade à estrutura. Mesmo que o ritmo seja coeso, o movimento das imagens é, ao invés de centrípeto, centrífugo — numa profusão que se dilui e dispersa ao invés de coagular e convergir.⁴

¹ Esse texto foi revisado por Luciana Abreu Jardim, e também contou com a leitura de Vitor Bocalon, a quem agradecemos.

² Doutor pelo Interdisciplinary PhD Program da Dalhousie University (Halifax, Canadá, 2009). Tem publicações na Alemanha, Brasil, Canadá, Chile, Estados Unidos, Inglaterra, Polônia e Portugal, incluindo livro (*Luso-Brazilian Encounters of the Sixteenth-Century*, Fairleigh Dickinson University Press, 2011), capítulos de livro, e artigos em periódicos de referência tais como *Republics of Letters*, *Portuguese Literary and Cultural Studies*, e o *Marburg Journal of Religion*. Tem atuado também de forma mais direta (criativa) em áreas ligadas às artes, como a literatura e a cultura visual. E-mail: azir@dal.ca.

³ Eduardo Horta Nassif Veras, "Baudelaire Chez Les Poètes Brésiliens", *L'Année Baudelaire*, vol. 21, Honoré Champion, 2017 (p. 65–71), p. 68.

⁴ Roger Bastide caracteriza como "flutuante" — o que nos parece apropriado e sugestivo, a forma como Cruz e Sousa se apropria de temas de *Fleurs du Mal*. Roger Bastide, "Cruz de Sousa e Baudelaire: Estudo de Literatura Comparada", *Estudos Afro-Brasileiros*, São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 74.

As mesmas deficiências em termos de capacidade de integração e na escolha do léxico (a que se soma um exibicionismo esdrúxulo e outra vez gratuito de erudição, que só faz pesar o texto) comprometem *Opalas* de Fontoura Xavier, que Antonio Candido caracteriza como "talvez o mais interessante dos baudelairianos brasileiros" (dentre os nossos poetas secundários).⁵

Veras não chega a fazer referência a Raul Pompéia, que, junto com Cruz e Sousa, escreve poemas em prosa no estilo do *Spleen de Paris*. De fato, os poemas de Pompéia nos parecem também carecer de efetividade, por serem abstratos demais e faltar-lhes uma verdadeira unidade de composição. Mesmo em *Fleurs du Mal* (para não falar no *Spleen de Paris*) — e esse também é o caso de vários poemas do próprio Alphonsus de Guimarães que apresentamos a seguir — há um nódulo concreto que confere unidade narrativa ao poema: uma visão, um gesto, que emergem como um acontecimento inserido numa pequena história. Em um poema como "Vibrações" (*Canções Sem Metro*) de Raul Pompéia, antecedido por uma citação de Baudelaire, tudo isso se perde. Outros como "Verão" (também de *Canções Sem Metro*) são mais bem amarrados, mas o efeito do todo é igualmente disperso e até mesmo confuso.

Deveria se perceber que a problemática da poesia de Augusto dos Anjos tampouco é genuinamente baudelairiana. O poeta paraibano está envolvido antes com questões de ordem científico-abstrata, que emergem posteriormente ao positivismo (mas fora da França) em autores como Herbert Spencer e Ernst Haeckel. É preciso lembrar que Baudelaire não apenas se opôs aos exageros da poesia romântica, mas foi um crítico, conforme se apontou nos artigos anteriores reunidos neste volume, do iluminismo. Dificilmente Baudelaire levaria tão a sério os autores com que Augusto dos Anjos se defronta. O "metafísico Mistério" de "Solilóquio de um visionário" (citado por Veras em seu artigo), é "desvirginado" na esteira da tradição idealista alemã, que em finais do século XIX se sobrecarrega ainda de cientificismo.

Baudelaire, ao contrário, era fiel à concretude da perspectiva religiosa mais tradicional, que se foca no exercício diligente da *vontade* (do "livre arbítrio") em meio às armadilhas e influxos violentos da imaginação sensória, mais do que numa exploração irrefreada das potencialidades especulativas e sistematizadoras da razão. Há algo de neoplatonismo em Augusto dos Anjos quando ele fala, no seu "Poema Negro", em "espiritualidade da matéria" (também citado por Veras), mas esse neoplatonismo é mais erudito que cristão: "Para iludir minha desgraça, estudo/ Intimamente sei que não me iludo" — o que para Baudelaire soaria sem dúvida como idealização ingênua.⁶

Dentre as figuras mais tradicionais e bem estabelecidas da história da poesia brasileira (deixando no momento infelizmente de lado autores como Pedro Kilkerry e Ernani Rosas, que conhecemos bem menos e exigiriam de nós um estudo mais detido),⁷ aquela que acreditamos

⁵ Antonio Candido, "Os Primeiros Baudelairianos", *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*, São Paulo: Ática, 1989, p. 35.

⁶ Essa desconfiança com relação à racionalidade e ao idealismo equilibra o que há de neoplatonismo em autores como Edgar Allan Poe e o próprio Baudelaire, que, aliás, se vinculam à tradição neoplatônica mais pela via literária (de um Shelley, de um Boccaccio) do que pela filosófica (ver o texto "Excerto Fatídico", de nossa autoria, que traduzimos também para esse volume).

⁷ Um artigo da década de 1990 de Augusto de Campos sobre esses dois poetas ("O Enigma Ernani Rosas"), já posterior inclusive, portanto, ao seu livro sobre Pedro Kilkerry, foi recentemente republicado em *Poesia Antipoesia Antropofagia & Cia*, São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 157-92. Nesse artigo (e em outro capítulo do mesmo livro), Augusto de Campos chama atenção também para a importância da poesia de Cyro Pimentel. Esses seriam, em

ter estado efetivamente mais à altura do desafio baudelaireano, ainda antes do advento (entre nós) do modernismo, foi Alphonsus de Guimaraens. Veras aponta para o fato da relação entre Alphonsus de Guimaraens e Baudelaire ter sido praticamente ignorada pela crítica brasileira, que a considerou de ordem secundária, por causa da religiosidade explícita de Alphonsus e de sua identificação aparentemente mais imediata com Verlaine.

Ora essa consideração dos nossos críticos (acatada em boa medida por Veras) foi, em nossa opinião, certamente um erro, não apenas por causa do peso de questões de ordem religiosa também para Baudelaire, mas inclusive porque, justamente pela sua sensibilidade religiosa, Alphonsus foi capaz de plasmar, em alguns de seus poemas, de forma absolutamente inequívoca o teor mais crítico da poesia baudelaireana, sem em nada desvirtuar os seus termos. Ele teria, assim, por fim correspondido ao "espírito" de Baudelaire, e não apenas se valido dos seus "ademanos".

Os dois últimos termos são de Machado de Assis em "A Nova Geração", texto escrito em 1879.⁸ Não era possível, portanto, que Machado considerasse a poesia de Alphonsus. Ele usa tais termos negativamente, para sublinhar a forma superficial como Baudelaire fora até então absorvido no Brasil. Concordamos com Machado, e nos parece muito pertinente inclusive sua crítica da subsunção do poeta francês à escola realista (como se esse termo pudesse ter algo de propositivo para quem o usava, além da crítica aos excessos do romantismo), que era mais ou menos o que parecia se tentar fazer com Baudelaire por aqui.

Talvez, quanto à crítica, nunca se tenha saído disso. No texto de Candido já citado ("Os Primeiros Baudelaireanos"), ele não parece ter levado as advertências de Machado muito a sério. E se até hoje não se discerniu muito claramente "o espírito" (para além dos "ademanos") de Baudelaire em nossa poesia, foi porque, paralelo a isso, se ignorou a força de certas manifestações singulares produzidas depois (de Machado) entre nós. É sobretudo em certas peças curtas de *Kiriale* que a vocação de uma verdadeira afinidade eletiva entre Alphonsus e Baudelaire não pode deixar de saltar aos olhos. Se o resultado de uma tal afinidade, em termos quantitativos, é escasso, o contraste que ele faz com o restante da nossa produção poética (e da produção poética do próprio Alphonsus) deveria, justamente, acentuar sua importância.⁹

É preciso notar que se esse resultado demorou a aparecer (*Kiriale* surge cerca de 35 anos depois da morte de Baudelaire), a defasagem temporal em si não é ruim. Em sua análise do que seria a nova poesia brasileira (pós-baudelaireana), Machado, ao criticar muito do que então (1879) se apresentava como inovador, resgata passagens de outros poetas menores (hoje em dia também esquecidos), mas que primam sobretudo por uma sinceridade e sobriedade de

todo o caso, poetas cuja relação se estabelece já mais diretamente com Mallarmé e a poesia simbolista, num contexto já bastante transformado com relação ao próprio Baudelaire (embora lhe seja fiel).

⁸ *Crítica Literária*, Obras Completas, vol. 29, Rio de Janeiro: Jackson Inc., 1953 (p. 180-244), p. 191.

⁹ Há uma tese da década de 1970, escrita fora do Brasil, à qual não tivemos acesso no momento em que escrevemos este texto, e que examina talvez com mais propriedade a relação de Alphonsus com Baudelaire: Arline Anglade-Aurand, *Les Influences françaises sur Alphonsus de Guimaraens* (Université de Toulouse). A obra parece pouco discutida, e seria interessante examiná-la mais detidamente em outra ocasião. Ao destacarmos *Kiriale* e outras obras de Alphonsus transcritas a seguir, convém observar que também não estamos aqui considerando *Pauvre Lyre*, coletânea de poemas escritos em francês por Alphonsus, muitos dos quais, segundo aponta Veras ("Baudelaire Chez Les Poètes Brésiliens", p. 69), teriam uma relação estilística direta com *Fleurs du Mal* (e tenderiam a reforçar, portanto, nossa tese).

expressão, capaz de integrar motivos atinentes ao seu contexto.¹⁰ Nesse sentido, cabe ressaltar que apesar de *Kiriale* ter sido publicado em 1902, como o terceiro livro de Alphonsus, seus poemas foram dos primeiros a serem escritos, mas *justamente quando o poeta mineiro estudava direito no ambiente urbano de São Paulo (1891-94)*, que despontava na época como a nossa metrópole mais moderna, a deixar para trás, nesse sentido, inclusive o Rio de Janeiro. Ali Alphonsus teve oportunidade de dedicar-se também ao jornalismo e travar relações (que duraram para o restante da sua vida) com uma das figuras mais emblemáticas (se controversa e extravagante) desse contexto: o senador, mecenas, poeta (sob o pseudônimo de Jacques d'Avray), perfumista, cozinheiro e apreciador de vinhos Freitas Valle, dono da Villa Kyrrial — em que ocorriam os mais importantes "salões" bem ao estilo *belle époque* do período.¹¹

Não é preciso se iludir muito. Alphonsus logo volta para Minas e vem a passar o restante da vida em Ouro Preto e sobretudo em uma das então menores e mais provincianas cidades daquele estado — Mariana (herança, por outro lado, de um dos contextos mais ricos e significativos de toda a nossa história, marcado também pela exploração violenta e vertiginosa da terra, e hoje em dia, em parte, literalmente soterrado depois do rompimento da barragem da Vale do Rio Doce).¹² Ele abandona, assim, esse ambiente que provavelmente é exemplar em grande medida (mas não somente) de todo o beletrismo pseudo-erudito, de filiação fácil à modismos, sujeito a conchavos e adesões beirando talvez por vezes o "espírito de seita", típico da nossa sociedade até hoje e desde há muito exposto por gente como Machado.¹³

É o destino talvez inexorável da inteligência. Em Paris, uma figura como Proust podia quem sabe frequentar e ao mesmo tempo fugir do ambiente mundano dos salões. Numa sociedade em que a arte (quando não a educação, quer dizer, a cultura em sentido mais forte) se reduz em geral a beletrismo, servindo desta forma quase que exclusivamente de pretexto para obtenção (junto às oligarquias vigentes e/ou ao próprio Estado) de vantagens materiais e de meio para ascensão social, resta para quem foi de fato tocado pelo demônio da inquietação estética, a vida difícil do ostracismo, que assegura, por outro lado, a autonomia para pensar e criar. Ou não, porque é verdade também que a produção de Alphonsus foi se tornando, em Mariana, menos interessante, ou pelo menos perdendo algo do seu brilho inicial.¹⁴

¹⁰ Os poetas referidos mais favoravelmente por Machado são Lúcio de Mendonça e Francisco de Castro, "A Nova Geração", p. 232.

¹¹ Sobre o personagem e seu ambiente, em toda a sua complexidade, ver o interessantíssimo livro de Márcia Camargos, *Villa Kyrrial: Crônica da Belle Époque Paulistana*, São Paulo: Senac, 2001. O nome Kyrrial (do grego *Kyries*, que dá em latim *Kirie*), "Deus", "Senhor", parece ter sido escolhido para a Villa pelo próprio Alphonsus — em paralelo ao título dado ao seu livro (Camargos, *Villa Kyrrial*, p. 52).

¹² Alphonsus chega a escrever crônicas sobre o abandono das cidades históricas de Minas Gerais (Alphonsus de Guimaraens Filho, *Alphonsus de Guimaraens no seu Ambiente*, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995, p. 54-55). Quanto ao duro trabalho nas minas de extração de ouro e diamantes (que remonta às primeiras décadas do século XVIII), ele dependeu inteiramente dos escravos, especialmente os sudaneses ("iorubas"), considerados mais fortes que os descendentes de outras etnias africanas (Lucia Machado de Almeida, "O Ciclo do Ouro no Brasil", *Ouro: Sua história, seus encantos, seu Valor*, Rio de Janeiro: Salamandra, 1989, p. 64). O desenvolvimento de outras regiões do país está diretamente ligado à exploração de Minas ao longo do século XVIII, como é o caso do próprio Rio de Janeiro, por cujo litoral se escoavam as riquezas. Data de mais ou menos essa época também a destruição dos Sete Povos das Missões, levada a cabo mais ao sul do país, pelos governos ibéricos contra os jesuítas.

¹³ O termo "espírito de seita" buscamos novamente nele, "A Nova Geração", p. 243.

¹⁴ Se Baudelaire morreu endividado e, como outros, isolado e praticamente desconhecido (mas ainda assim em Paris), todo o seu sacrifício veio a reverter em sua obra. Não é possível dizer o mesmo de Alphonsus. Neste sentido,

Não se pode negar que o ambiente da Villa Kyrial tinha, em boa medida, algo de minimamente plural e arejado, representando uma alternativa cultural do período que favoreceu artistas diferenciados, entre eles, Lasar Segall. Através de sua biblioteca, Freitas Valle propiciou a gente como Alphonsus de Guimaraens acesso aos clássicos da literatura francesa e obras recém-lançadas em Paris. Foi sua influência política que garantiu, por outro lado e igualmente, a sobrevivência no exterior (inclusive Paris), junto a embaixadas (e enquanto Alphonsus permanecia isolado em Mariana), de José Severiano de Rezende, ex-colega do curso de direito e amigo literato de ambos, certamente não mais talentoso (ao menos em termos literários) que Alphonsus.¹⁵

Em seus escritos autobiográficos, Oswald de Andrade denomina derrisoriamente Freitas Valle de "*dono* exclusivo do setor oficial de Belas Artes", ao referir-se às bolsas concedidas a artistas para estudo no exterior¹⁶ — mais ou menos o mesmo sistema de "pensionato artístico" ironizado por Mário de Andrade numa passagem famosa de *Macunaíma*. Já de Alphonsus de Guimaraens, Oswald de Andrade teria escrito (em 24 de julho de 1921, por ocasião da morte do poeta mineiro, no *Jornal do Comércio* de São Paulo) que "valia sem dúvida todos os poetas juntos da Academia Brasileira".¹⁷ Em falta de outra alternativa, a Vila Kyrial *era* frequentada (se eventualmente) por Oswald e Mário, bem como por vários outros artistas significativos do período, mesmo se os mais atentos se mostrassem críticos em relação ao seu ambiente. O próprio Freitas Valle, como dissemos, era poeta e se enxergava como tal.

* * * * *

INITIUM [KIRIALE]¹⁸

(*C'est la Mort qui console, hélas! et qui fait vivre.*
Charles Baudelaire)

Tanta agonia, dores sem causa,
E o olhar num céu invisível posto...
Prantos que tombam sem uma pausa,

quem perde com esse tipo de situação é, mais do que o indivíduo, a cultura do país como um todo. Deve-se lembrar, é claro, que em cidades como Ouro Preto já tinham morado também poetas considerados os mais representativos do nosso arcadismo, como Tomás Antônio de Gonzaga, mas isso efetivamente no período áureo dessas cidades. Horácio Guimarães, primo de Alphonsus, dá o seguinte e interessante depoimento, recolhido pelo filho do poeta, na edição da poesia completa de 1938: "De São Paulo trouxe ele hábitos de requintada elegância, embasbacando os Brummel provincianos da ex-capital do estado com os seus costumes, talhados pelos melhores alfaiates da Paulicéia, a sua irrepreensível cartola de pelo, polainas, monóculo, gravatas do mais apurado gosto, etc. Mesmo em São Paulo deixou ele uma tradição de dandismo" (Alphonsus de Guimaraens, *Poesias*, 1938, p. xviii).

¹⁵ Camargos, *Villa Kyrial*, p. 138-140; cf. Guimaraens Filho, *Alphonsus de Guimaraens no seu Ambiente*, p. 40-41.

¹⁶ *Um Homem Sem Profissão*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 73, minha ênfase.

¹⁷ Apud Guimaraens Filho, *Alphonsus de Guimaraens no seu Ambiente*, p. 366.

¹⁸ Os poemas reproduzidos aqui foram todos transcritos de Alphonsus de Guimaraens, *Poesias*, Edição dirigida e revista por Manuel Bandeira, com retrato do Poeta e notícia biográfica e notas por João Alphonsus, 1938. Em um e outro caso, referentes no geral a acentos que caíram, atualizei a ortografia.

Risos que não chegam mais ao rosto...

Noites passadas de olhos abertos,
Sem nada ver, sem falar, tão mudo...
Alguém que chega, passos incertos,
Alguém que foge, e silêncio em tudo...

Só perseguido de sombras mortas,
De espectros negros que são tão altos...
Ouvindo múmias forçar as portas,
E esqueletos que me dão assaltos...

Só na geena deste meu quarto
Cheio de rezas e de luxúria...
Alguém que geme, dores de parto,
— Satã que faz nascer uma fúria...

E ela que vem sobre mim, de braços
Escancarados, a agitar as tetas...
E nuvens de anjos pelos espaços,
Anjos estranhos com as asas pretas...

E o inferno em tudo, por tudo o abismo
Em que se me vai toda a coragem...
'Santa Maria, dá-me o exorcismo
Do teu sorriso, da tua imagem!'

E os pesadelos fogem agora...
Talvez me escute quem se levanta:
É a lua... e a lua é Nossa-Senhora,
São aquelas cores de Santa!

A CABEÇA DE CORVO [*KIRIALE*]

Na mesa, quando em meio à noite lenta
Escrevo antes que o sono me adormeça,
Tenho o negro tinteiro que a cabeça
De um corvo representa.

A contemplá-lo mudamente fico
E numa dor atroz mais me concentro:
E entreabrindo-lhe o grande e fino bico,
Meto-lhe a pena pela goela adentro.

E solitariamente, pouco a pouco,
Do bojo tiro a pena, rasa em tinta,
E a minha mão, que treme toda, pinta
Versos próprios de um louco.

E o aberto olhar vidrado da funesta
Ave que representa o meu tinteiro,
Vai-me seguindo a mão, que corre lesta,
Toda a tremer pelo papel inteiro.

Dizem-me todos que atirar eu devo
Trevas em fora este agoirento corvo,
Pois dele sangra o desespero torvo
Destes versos que escrevo.

O CACHIMBO [*KIRIALE*]

Uma visão do tenebroso Limbo,
Soturna e sepulcral, tens a teu lado:
Por um artista foi este cachimbo
A feição de caveira burilado.

Vê tu, formosa, é um crânio em miniatura,
Onde a tua caveira vou revendo:
O vazio das órbitas fulgura,
Sinistramente, quando à noite o acendo.

E às vezes, quando o eterno ideal me abrasa
O crânio, no cachimbo os olhos ponho:
Há também dentro dele fogo em brasa,
Sobe o fumo e desfaz-se como um sonho.

E quando à noite o acendo, a sua boca
Transparente e magoada se clareia:
E ri-se, e eu rio ao vê-la, aberta e louca,
Toda de beijos e de afagos cheia.

O LEITO [*KIRIALE*]

Ontem, à meia-noite, estando junto
A uma igreja, lembrei-me de ter visto

Um velho que levava às costas isto:
Um caixão de defunto.

O caso nada tem de extraordinário.
Quem um velho a levar um caixão tal
Inda não viu? É um fato quase diário
Em qualquer bairro de uma capital.

Mas é que ia de modo tal curvado
Para o chão, e a falar tão baixo e tanto,
Que, manso e manso, e trêmulo de espanto,
Fui seguindo a seu lado.

Disse-lhe assim: 'Talvez seja demência
Que guie os passos todos que tu dê:
Ou és então, na mísera existência,
Um miserável bêbado, talvez.'

O olhar fito no chão, como desfeito
Em sangue, o velho, sem me olhar, seguia
E ouvi-lhe a única frase que dizia:
'Vou levando o meu leito'.

LUAR SOBRE A CRUZ DA TUA COVA [KIRIALE]

Sonhei que estava no eremitério,
Rezando sempre rezas de cor.
E como o luar clareasse o chão do cemitério,
Pensei num mundo que é talvez melhor.

Branca de linho como um fantasma,
A torre grande era só tristeza.
E como envolta em luar, muito magoada e pasma,
Estava ao longe não sei que Princesa.

Era talvez a Desesperança,
Com o seu cortejo de sonhos maus.
(Demônios, daí começo à vossa contradança,
Vinde cantar os lânguidos solaus!)

'Certo o coração de tudo esquece,
Quando muitos anos são passados...'
E eu não te esqueço mais, alma da minha prece,

Que voaste para os mundos encantados!

'Eu sei que o amor sempre se renova,
E que ninguém pode viver só...'
E como o luar clareasse a cruz da tua cova,
Vi o meu sonho transformado em pó.

A MEIA-NOITE [*KIRIALE*]

Ceguei à meia-noite em ponto.
O caso deu-se como eu conto,
Cheio de lúgubre mistério...
Pois ela disse: 'Ao cemitério
Vamos à meia-noite em ponto'.

E eu respondi-lhe: 'Conto, conto
Contigo à meia-noite em ponto'.

Como eu sabia, ela outro amante
Tivera em tempo não distante.
Era já morto: eu uma esposa
Tinha também sob uma lousa.
E ela sabia dessa amante.

Jaziam um do outro distante
O amante dela e a minha amante.

Bem não chegamos, os ciprestes
Agitaram as verdes vestes
Como arrojando-se de braços...
Que ais de tristeza e que soluços
Gemeram tão verdes ciprestes.

Gemia o vento pelas vestes
Verdes dos virides ciprestes.

Parámos de repente à porta.
Eu era um morto, ela uma morta:
Tal foi a cena branca e nua
Que nós, clareados pela lua,
Olhámos bem ao pé da porta.

Eu era um morto, ela uma morta

Sem movimento junto à porta.

Diante nós, em frente, diante,
O amante dela e a minha amante,
Espectros vis num mesmo quadro,
Vinha vagar, hirtos, pelo adro,
Diante de nós, em frente, diante...

A amante dela e a minha amante
Riram, passando para diante.

O CAMPANÁRIO [*KIRIALE*]

No campanário, ao sol incerto,
Não há sineiros nem há sinos...
Se alguém morrer aqui por perto,
Não terá dobres vespertinos,
Lamento de almas no deserto.

Já não há sinos nem sineiros
No campanário em abandono...
Bastam, talvez, os carpinteiros
A trabalhar dias inteiros,
Dando leitos a quem tem sono.

Nenhuma cruz, abrindo os braços,
Vela por quem já não existe...
No chão pisando não há traços
De joelhos, mas somente passos
Indiferentes de algum triste.

Junto deste caixão informe
Ninguém reza de joelhos juntos...
Basta, talvez, a cova enorme
Para abrigar o homem que dorme
No campo-santo dos defuntos.

Só, na Capela entristecida,
Que dorme sobre a encosta agreste,
Nossa Senhora, a Dolorida,
Vem apontar-nos a outra vida,
Olhando o Céu com o olhar celeste.

E no Altar-Mor, cheio de palmas,
No claro-escuro de um sol-posto,
Nosso-Senhor recebe as almas,
Abrindo as pálpebras tão calmas
Por entre as chagas do seu rosto.

No seu olhar de Abandonado,
Pois a Capela está vazia,
Fulgura o humano luar sagrado,
Que arranca os homens do pecado,
E de Jesus nos faz um dia.

Já não há sinos nem sineiros
No campanário em abandono...
E sob a sombra dos salgueiros
Ele aparece nos outeiros
Como um solar que não tem dono.

Ah! como é triste, ao sol incerto,
Longe da voz santa dos sinos...
Para guiar-nos ao céu aberto
Já não tem dobres vespertinos
O campanário do deserto.

NAUFRAGO [*KIRIALE*]

E temo, e temo tudo, e nem sei o que temo.
Perde-se o meu olhar pelas trevas sem fim.
Medonha é a escuridão do céu, de extremo a extremo...
De que noite sem luar, mísero e triste, vim?

Amedronta-me a terra, e se a contemplo, tremo.
Que mistério fatal corveja sobre mim?
E ao sentir-me no horror do caos, como um blasfemo,
Não sei por que padeço e choro e anseio assim.

A saudade tiritada aos meus pés: vai deixando
Atrás de si a mágoa e o sonho... E eu, miserando,
Caminho para a morte alucinado e só.

O naufrágio, meu Deus! ou um navio sem mastros.
Como custa a minha alma a transformar-se em astros,
Como este corpo custa a desfazer-se em pó!

POEIRAS MEDIEVAS [KIRIALE]

É a furna absconsa ao pé de um tremedal tremendo,
Soluçam gênios maus numa região de peste.
Sem ar, sujeito ao sono insólito, distendo
Os nervos doentes. Passa arfante o vento leste.

Ah! se eu fosse contar as Mortas que estou vendo...
Um demônio latino anda em roda. Celeste
É a cor do manto azul de um feiticeiro horrendo.
Outro de cornos há que de rubro se veste.

Fidalgos tristes vem afrontando perigos,
Alma que em frente ao céu desolado se ajoelha,
Grande olhar velador dos Cruzados antigos...

Ninguém verá jamais o caos de sangue e trevas
Onde estou, envolvido em mortalha vermelha,
Nas ruínas augurais destas poeiras medievais.

VISÃO DOS SOLITÁRIOS [KIRIALE]

Com a vasta escuridão do teu cabelo ensombras,
Se o destranças pelo ar, o próprio sol que bate
Nessa carne que tem a maciez das alfombras
Feitas de seda branca e veludo escarlata.

Não sei que és: atrais e ao mesmo tempo assombras.
Alguma coisa de astro o teu sorriso dá-te...
Errante multidão de espectros e de sombras
Anda em redor de ti como para um combate.

Para quê, para quê tanta mágoa me deste?
Porque surgiste aqui, na minha noite espessa,
Tu, Rainha imortal de algum Sabá celeste?

Fantasma, és Mulher! Levanta-te, Anjo eterno!
Ergue-te mais, e mais! Como a tua cabeça
Pode tocar o Céu, se tens os pés no Inferno?

ESPÍRITO MAU [KIRIALE]

Um espírito mau passa rezando ofícios
Na minha alma, que está toda cercada de essas.
E patriarcas senis vêm mostrar-me cilícios,
Falam no Purgatório, e vão fugindo às pressas.

Feiticeiras que vendem virtudes e vícios,
Fadas que leem nas mãos as ignotas promessas,
Dizem que hei-de sofrer sobrehumanos suplícios...
Satanases também dizem coisas como essas.

Espectros que têm voz, sombras que têm tristeza,
Perseguem-me: e acompanho os apagados traços
De semblantes que amei fora da natureza.

Vós haveis-de fugir ao som de padrenossos,
Frutos da carne infiel, seios, pernas e braços,
E vós, múmias de cal, dança macabra de ossos!

SUCCUBUS [KIRIALE]

Às vezes, alta noite, ergo em meio da cama
O meu vulto de espectro, a alma em sangue, os cabelos
Hirtos, o torvo olhar como raso de lama,¹⁹
Sob o tropel de um batalhão de pesadelos.

Pelo meu corpo todo uma Fúria de chama
Enrosca-se, prendendo-o em satânicos elos:
— Vai-te, Demônio encantador, Demônio ou Dama,
Loira Fidalga infiel dos infernais Castelos!

Como um danado em raiva horrenda, clamo e rujo.
Hausto por hausto aspiro um ar de enxofre: tento
Erguer a voz, e como um réptil escabujo.

—Quem quer que sejas, vai-te, ó tu que assim me assombras!
Acordo: o céu, lá fora, abre o olhar sonolento,
Cheio da compunção dos luares e das sombras.

¹⁹ O que distingue Alphonsus de Guimaraens de outros poetas, em termos de cuidado na escolha do léxico, muitas vezes aparece por um súbito contraste. Assim, tudo que há de diluído (e ridículo) em "torvo olhar" é imediatamente compensado pelo "raso de lama".

ACETAS I [KIRIALE]

Ascetas imortais da Idade-Media, os joelhos
Sangraram-vos de tanto orar; o olhar contrito,
Seguindo o olhar de Deus nos ocasos vermelhos,
Fugiu-vos para o céu, sedente de infinito.

As nuvens para vós eram como evangelhos,
Páginas onde a mão de Deus havia escrito.
E vós lieis por lá, ansiosos como os velhos,
O roteiro estelar de um destino bendito.

Se eu pudesse viver a vossa doce vida
No mistério final de um mosteiro de treva,
Onde se ia apagar tanta alma dolorida...

Viver longe da carne ardente, da luxúria
Que para nos tentar em cada peito eleva,
Como frutos de luz, duas tetas de fúria!

S. BOM JESUS DE MATOZINHOS [KIRIALE]**

*(Nostre Seigneur tel est, tel le confesse.
En ceste foy le vueil vivre et mourir.
François Villon)*

S. Bom Jesus de Matozinhos
Fez a Capela, em que adoramos,
No meio de árvores e ramos
Para ficar perto dos ninhos.

E como a Igreja de uma aldeia,
Tão sossegada e tão singela...
As moças, quando a lua é cheia,
Sentam-se à porta da Capela.

Vai-se pela ladeira acima
Até chegar no alto do morro.
Tão longe... mas quem desanima,
Se ele é o Senhor do Bom-Socorro!

Tem tanto encanto a sua Igreja,
Paz que nos é tão familiar.
Que é impossível que se não seja
Um bom cristão em tal lugar.

Alegrias mais que terrestres
Murmuram hinos pelas naves.
No adro, quantas flores silvestres...
Nas torres, quantos voos de aves...

E atrás da Igreja o cemitério
Floresce cheio de Jazigos.
Os próprios mortos, que mistério!
Vivem na paz de bons amigos.

Quando o Jubileu se aproxima,
Ai!... quanta gente sobe o morro...
Tão longe... mas quem desanima,
Se Ele é o Senhor Bom-Socorro!

Velhas de oitenta anos contados
Querem vê-lo no seu altar,
Braços abertos, mas pregados,
Que nos não podem abraçar.

Entrevados de muitos anos,
Vão de rastros pelos caminhos
Olhar os olhos tão humanos
De bom Jesus de Matozinhos.

Saem dos leitos, como de essas,
Espectros cheios de esperança,
E vão cumprir loucas promessas,
Pois de esperar a fé não cansa.

Vinde, leprosos do grande ermo,
Almas que estais dentro de lodos:
Que o Bom Jesus recebe a todos,
Ou seja o são ou seja o enfermo.

Almas sem rumo como as vagas,
Vinde rezar, vinde rezar!
Se Ele também tem tantas chagas,
Como não há-de vos curar?

Direis talvez: 'Chegar lá em cima...
Antes de lá chegar eu morro!
Tão longe...' Mas quem desanima
Se Ele é o Senhor do Bom-Socorro!

Foi pelo meado de Setembro,
No Jubileu, que eu vim amá-la.
Ainda com lágrimas relembro
Aqueles olhos cor de opala...

Era tarde. O sol no poente
Baixava lento. A noite vinha.
Ela tossia, estava doente...
Meu Deus, que olhar o que ela tinha!

Ela tossia. Pelos ninhos
Cantava a noite, toda luar.
S. Bom Jesus de Matozinhos
Olhava-a como que a chorar...

***Esse poema ("S. Bom Jesus de Matozinhos") é dedicado por Alphonsus a José Severiano de Resende, o amigo de toda vida e ex-colega da Faculdade de Direito de São Paulo, junto com Freitas Valle. Cabe reconhecer aqui que o poema parece muito distante da atmosfera urbana e moderna que associamos a Baudelaire. Mas junto com outros como "Recordando-se" (décimo poema da segunda parte de *Kiriale*, que não reproduzimos), ele indica por contraste o que é, justamente, perdido na grande cidade. Aquilo por que Baudelaire talvez também anseie, mas que nele não aparece mais como registro direto (exceto se projetado em paisagens exóticas). Pela sua trajetória, as raízes que têm no interior de Minas, para onde de fato retorna, Alphonsus legitimamente oscila entre o que há de mais moderno (sua experiência de vida em São Paulo e a exposição à literatura francesa mais recente) e o que há de mais remoto (o interior de Minas).

Um contraste semelhante pode ser encontrado na poesia portuguesa do final do *Livro de Cesário Verde* (1887), quando se relata a fuga da cidade para o campo, pela família do narrador, em função da epidemia de cólera, e depois procede-se a descrever a vida na fazenda, no interior de Portugal. Eis o cerne da indagação do poeta:

Sim! Europa do Norte, o que supões
Dos vergéis que abastecem teus banquetes,
Quando às docas com frutas, os paquetes
Chegam antes das tuas estações?
[...]

Ó cidades fabris, industriais,

De nevoeiros, poeiradas de hulha,
Que pensais do país que vos atulha
Com a fruta que sai dos seus quintais?
[...]

Em termos da sua construção, a poesia de Cesário (como a de Alphonsus) faz jus à modernidade baudelairiana pela sobriedade, que se traduz na eficiência com que são integrados detalhes e imagens dos seus temas. Em verdade, na poesia portuguesa vê-se isso já em Antero de Quental (sonetos como "O Inconsciente", "Espectros", "Nirvana").

Ao poema "S. Bom Jesus de Matozinhos" de Alphonsus de Guimaraens, não faltam também, além da delicadeza (que não é ingênua), um certo humor e ironia. E há nele, inclusive, a presença das velhas (tema fundamental em Baudelaire). Em outros poemas, como no fragmento de "Romance de Dona Celeste", que reproduzimos também a seguir, essas velhas parecem urbanas na própria medievalidade. Seja como for, invocando uma perspectiva caracterizada com bastante propriedade por Augusto de Campos (um dos poucos dos nossos críticos, que, com seu irmão Haroldo — ambos, além de críticos, tradutores e poetas — retoma e leva adiante as preocupações estéticas de Machado), nosso interesse aqui não é "descobrir influências, para efeito de biografia ou de genealogia literária, mas... estabelecer nexos de relação estética, que nos permitam discernir, no campo geral da literatura e das artes, uma evolução de formas e, através desta, melhor compreender e situar, histórica e criticamente, os fenômenos artísticos".²⁰

A CATEDRAL [KIRIALE]

*(Ignota landa astral da Bem-Aventuraça,
Já não há sobre a terra o que eu chamo esperança.
José Severiano de Resende, Presbítero)*

*(De mon espoir je suis la tombe...
Espoir! Ô tombe de ma vie!
Jacques d'Avray [pseudônimo literário de Freitas Valle],
prince royal du symbole, grand poète inconnu)*

Dona Guiomar tombou de giolhos,
— Dobravam todolos sinos —
E no horizonte dos seus olhos
Dois Anjos cantaram hinos.

As mãos em cruz, a alma petrina
Suspendendo os alvos peitos...
Que amargura quasi divina

²⁰ *Poesia Antipoesia Antropofagia & Cia*, p. 16.

Nos seus olhos contrafeitos!
[...]

Como o Senhor há-de ouvi-la,
Se não toma a Catedral?
— Dorme, Fidalga, bem tranquila,
Que não tem cura o teu mal.

E para ela um caixão foi feito:
E nele o corpo deitado,
Dona Guimar, com as mãos ao peito,
Pôs-se esperando, esperando...

Séculos passam no infinito,
E ela está sempre deitada,
Sem um gemido, sem um grito,
De olhos fitos sem ver nada.
[...]

PULCHRA UT LUNA [*DONA MÍSTICA*]²¹
(Ô, *va prier contre l'orage, va prier.*
Paul Verlaine)

Na solidão suprema dos conventos,
Em horas de pavor tão sossegadas,
Veem-se passar fantasmas sonolentos,
Vultos de freiras mortas e de fadas.

Soluçã a paz dos grandes momentos,
Debruçados à beira das estradas:
Sombras de luto, pelos lutulentos
Caminhos, choram mágoas já choradas.

Vozes de além, pungentes de mistério,
Cantam: e os sinos dobram nas ermidas,
Acompanhando o canto-chão funéreo...
[...]

E a lua, em meio à noite constelada,
Pede-te o luar indefinido e casto

²¹ Assim como os poemas de *Kiriale*, os poemas de *Dona Mística* foram escritos por Alphonsus entre São Paulo e Vila-Rica (Ouro Preto), entre 1891 e 1894, conforme explica João Alphonsus (*Poesias*, 1938, p. 375).

Da tua palidez de hóstia sagrada...
[...]

ROMANCE DE DONA CELESTE [*DONA MÍSTICA*]

[...]
—Viste, velha agoureira,
O Anjo do meu solar?
— Ah! com uma Feiticeira
Ela acaba de passar...

E bate o Cavaleiro
A outra porta escura:
É a casa do coveiro,
Solitária como uma sepultura.
[...]

— O teu Anjo finou-se
Ao beijo de Satã...
Ai do seu lábio doce,
Mais doce que a manhã!
[...]

— Satã, onde a puseste?
Que íncubo a fanou já?
— A pálida Celeste...
Ei-la no meu Sabá.

CÂMARA ARDENTE (Perystilum, IV)

Era uma paz de cemitérios e de ermidas
O silêncio dos teus grandes olhos incertos,
Onde pairava, como em dois amplos desertos,
O desalento cruel das horas não vividas.

Seguiam-te legiões de fantasmas deicidas:
E nos teus olhos de além-céu, tempos cobertos
De panos negros e de flores coloridas,
A solidão final dos túmulos abertos.

Talvez quisesses ver mais outras landas novas

Num país que teu fosse: e como duas covas,
Fechar-se-iam depois os teus olhos remotos.

Os lábios frios para a prece, os braços hirtos,
Serias, como estás, entre goivos e mirtos,
Sob a coroa real dos meus eternos-votos!

SETENÁRIO DAS DORES DE NOSSA SENHORA
(Terceira Dor, IV)

E foi então que a Virgem de olhos castos,
Tão branca e macerada como os círios,
Surgiu em frente dos satãs nefastos
Que o coração me enchiam de delírios

Sobre a noite dos seus cabelos bastos
O luar resplende: as mãos curam martírios,
E os pés flordelizados deixam rastos
De fulgor estelar por entre lírios...

Uma fonte lustral de preces corre
Daqueles olhos, onde, suavemente,
A noite nasce e o dia, ao longe, morre...

— Virgem da Caridade, eu vou contigo!
E então, pela primeira vez, ao poente,
Rezei trindades, eu. Poeta e mendigo...

AS ESTÂNCIAS [PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE]
(XXIV)

A desgraça poisou sobre os meus ombros,
Abrindo sobre mim as suas asas.
Senti no corpo o fogo de mil brasas
E entrei pela região sombria dos assombros.

No céu luziam astros solitários,
E uma luz da cor de todos os fantasmas.
Vi nas nuvens a imagem dos Calvários
E as três Marias que choravam pasmas.

Ai! a desolação que havia em tudo,

O silêncio dos ermos cemitérios!
Os astros eram como olhos funéreos
Que me espiassem no meu pavor de mudo.

De mudo e surdo: pávido, de joelhos,
Nada falava, a voz se fora, e nada ouvia,
Os olhos de chorar fundos, vermelhos...
Pedi a Deus que despertasse o dia.

Foi quando, erguendo o olhar para a montanha,
Vi um anjo esbelto ressurgir: o peito
Em fulgores de sol era desfeito...
Nunca a divina luz fora tamanha!

Eras tu que a sorrir serenamente vinhas
Dar-me consolação, trazer-me calma.
Sê bendita, rainha das rainhas,
Aurora benfazeja da minh'alma!

AS CANÇÕES [*PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE*]
(VII)

[...]
São salmos tristes, mortuários,
Profundas preces de penitência.
Surgem imagens de calvários,
No fim de cada uma existência.

Matinas, vésperas, completas,
Soluçam na sua voz.
Seguem-se horas de silêncio, inquietas,
De uma agonia atroz.

E o sacristão, todo de preto,
Beija o retrato de uma dama.
É bem gentil este esqueleto
Fazendo o gesto de quem ama.

Só neste instante é que, fitando
Os finos ossos que Deus me deu,
Me reconheço no miserando
Espectro vil: sou eu! sou eu!
[...]

AS CANÇÕES [PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE]
(XVII)

Da noite pelos ermos
Choram violões.
São como enfermos
Corações.

Dorme a cidade inteira
Em agonia...
A lua é uma caveira
Que nos espia.

Todo o céu se recama
De argêntea luz...
Uma voz clama
Por Jesus.

A quietude morta
Do luar se espalma...
E ao luar em cada porta,
Expira uma alma.

Passam tremendo os velhos...
Ide em paz,
Ó evangelhos
Do Aqui-Jaz!

Toda a triste cidade
É um cemitério...
Há um rumor de saudade
E de mistério.

A nuvem guarda o pranto
Que em si contém...
Do rio o canto
Chora além.

De sul a norte passa,
Como um segredo,
Um hausto de desgraça:
É a voz do medo...

Há pela paz noturna
Um celestial
Silêncio de urna
Funeral...

Pela infinita mágoa
Que em tudo existe,
Ouço o marulho da água,
Serenos e tristes.

Da noite pelos ermos
Choram violões...
São como enfermos
Corações.

E em meio da cidade
O rio corre,
Conduzindo a saudade
De alguém que morre...

AS CANÇÕES [*PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE*]
(XLVI)

As flores roxas do teu vestido
Deram-me tanto que pensar!

Alguém me disse: — 'Toma sentido,
Que ela se acaba de enviuvar!

O seu tranquilo coração, casado
Com um soberano de além-mar,
Vivia há muito emprisionado
Numa torre de luar.

Entravam dias, saíam dias,
E a moça pálida a sonhar.
Um rosário de nostalgias
Tombava do seu olhar.

Ora, uma noite, o soberano,
Senhor das terras de além-mar,
Depois de agonizar um ano,

De tal modo pôs-se a finir...

E vai, batendo as asas, morre,
Antes da noite acabar.
A moça pálida à torre corre...
Ela acabava de se enviuvar.

Morrera o sonho, o dolorido
Soberano do seu olhar..."

As flores roxas do teu vestido
Deram-me tanto que pensar!

IMMACULATA

OS SONETOS (XX) [*PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE*]

Quando te fores, branca, de mãos postas,
E me deixares neste val de pranto,
Deitada assim, como as demais, de costas
Sobre o teu leve esquife de pau-santo:

Quando as rosas dos seios, decompostas,
Vierem causar à própria morte espanto,
E nessas tábuas vis, onde te encotas,
Te for o lodo o derradeiro manto:

Ainda hei-de ver as lúcidas violetas
Que floriram no teu olhar incerto,
Por sob as tuas sobranceiras pretas...

Ai! como Inês tu não serás rainha:
Mas amada hás-de ser no céu de certo,
Por na terra nunca foste minha...

OS SONETOS [*PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE*]

XXV

Além do mundo, muito além, divaga
Uma cintilação de ouro e de argento.
Mortuariamente, só a lua alaga
A terra com o seu beijo sonolento.

Do mar ao céu ressoa a humana vaga
Que às nuvens leva o nosso atroz lamento.
E vai tombando a escuridão pressaga
Por sobre nós como um esquecimento.

E enquanto este deserto em que vivemos
Morre, rebrilha com um fulgor profundo
Das naus do céu os estrelados mastros.

E entre clares límpidos, supremos,
O olhar de Deus, que abandonou o mundo,
Dá nova luz ao resplendor dos astros.

OS SONETOS [*PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE*]

XXVIII

De onde te vem a palidez profunda,
E o mistério do teu olhar tristonho?
Quando os meus olhos nos teus olhos ponho,
O estuante estige do pavor me inunda.

Caudatário cortês, pajem risonho,
Segue-se o mal, como um anão corcunda.
Ah! bem longe deixaste a sarça imunda
Onde queimaste o teu primeiro sonho.

A púrpura sombria da desgraça
Nos teus ombros serenamente oscila...
E um luar de morte no teu rosto passa.

És a noiva dos infernais noivados:
Na tua fronte, rútilo, cintila
O rubro Setestrela dos Pecados.

A CATEDRAL [*PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE*]

Entre brumas, ao longe, surge a aurora,
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
 Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu risonho,
 Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!:"

O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.
A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a bênção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres responsos:
"Pobres Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu tristonho,
Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres responsos:
"Pobres Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem açoitar o rosto meu.
E a catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho
Como um astro que já morreu.

E o sino geme em lúgubres responsos:
"Pobres Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

ESCADA DE JACÓ CAVALEIRO FERIDO (VII)

Quando, no róseo-ebúrneo entardecer do dia,
Segui com as mãos ao peito a assunção do teu vulto,
Tive um gesto de paz e de melancolia,
Já saudoso do olhar que me estivera oculto.

Foi um raio de sol entre nimbos: sorria
A doce turba fiel dos anjos do meu culto.

E nesse instante, pobre e mísero! esquecia
Que eu era um morto antigo e que estava insepulto.

Pasmo fiquei ao ver-te, e nem sei como pude
Ajustar o sudário ao corpo, e lentamente
Um responso de amor soluçar no laúde.

Foi então que tombou, clarão da Eterna Graça,
Logo desfeito em sol que morre no ocidente,
O teu piedoso olhar sobre a minha carcaça.

ESCADA DE JACÓ
CAVALEIRO FERIDO (XI)
NO CAMINHO DA PERDIÇÃO

Ah! vem-me de tão longe a tua branca imagem
Nas noites de pavor em que vivo sepulto!
Perdido para o céu, jurei-te vassalagem:
E tem a luz do inferno as pompas do meu culto.

Tu, rainha do mal, tiveste a mão de um pajem
A guiar-te o passo infiel num rito horrendo e oculto;
Se às vezes contra ti as três virtudes reagem,
É um só momento, e caio, escravo do teu vulto.

Como posso colear, se a Deus eu me abandono,
Sob o teu rasto? Ao sol do meu moroso outono,
Por que a prece que elevo e clamo é sempre em vão?

Segues, em triunfo, e tombo ao luar dos teus olhares,
Como um padre sem fé que, abjurando os altares,
De joelhos se prosterne ante um ídolo pagão!

ESCADA DE JACÓ
CAVALEIRO FERIDO (XVI)
SONETO DE UM PRECITO

A tristeza em que vivo enclausurado, a horrenda
Asfixia letal que me oprime e estrangula,
Dão-me ao vulto senil este aspecto de lenda...
Satanás, muito vez, nos meus versos ulula.

Temo que chegue, enfim, a hora final, tremenda;
Bata-me o peito; o sangue, em gelo, se coagula.
E espero o instante cruel em que os músculos distenda,
Bruxo réprobo e mau, morto de fome e gula.

A suavidade ideal das noites estreladas
Não me consola mais: o ermo da terra inteira
Dá-me o antigo pavor das almas condenadas.

Por que dentro de mim tal ânsia? tanto alarme?
Foi minha ama de leite alguma feiticeira
Que maldizia a Deus antes de amamentar-me?

ESCADA DE JACÓ
CAVALEIRO FERIDO
XVIII

A silenciosa paz do branco eremitério
Que sonhei para o fim da minha vida, é morta.
Sou mendigo que bate, e ninguém abre a porta,
O espectro para quem o mundo é um cemitério.

Por que viver assim o meio do mistério?
Por que toda esta dor me esfacela e me corta?
E a cada hora, a minh'alma, estranha bruxa, aborta
Ora uma fúria infiel, ora um anjo funéreo...
[...]

ESCADA DE JACÓ
CAVALEIRO FERIDO
XIX

A desgraça rezou quando eu nasci: a lua
Quis proteger-me, abrindo as asas sobre mim,
A névoa que em redor do meu estro flutua,
Dimana do seu beijo etéreo de jasmim.

A deusa vil do mal, que vaga seminua
Por sobre os alcantis das montanhas sem fim
— Sombra vã que de nós se aproxima e recua —,
Não me chamou de Abel: chamou de Caim.

A que nume ofendi, avernal ou celeste,
Para sofrer de um modo incessante como este,
Tendo sempre no peito a áurea seta de um ai?

E a pobre alma que habita este corpo de espectro
— Corpo de velho rei que já não tem mais cetro...
É um círio quaresmal que entre estrelas se esvai...

ESCADA DE JACÓ
CAVALEIRO FERIDO
[XX]

[...]
Para onde vais? o sul procuras? vês o norte?
Vai pela sombra... é ingrata a luz clara do dia...
Os fantasmas detêm os passos e na coorte
Das Visões, a Coruja ancestral nos espia!
[...]

ESCADA DE JACÓ
CAMINHO DO CÉU (XII)
A PASSIFLORA

A passiflora, flor da Paixão de Jesus,
Conserva em si, piedosa, os divinos Tormentos:
Três cores roxas, tons magoados e sangrentos
Das Chagas Santas, onde o sangue é como luz.

Quantas mãos a colhê-la, e quantos seios nus
Vêm, suaves, aninhá-la em queixas e lamentos!
Ao tristonho clarão dos poentes sonolentos,
Sangram dentro da flor os emblemas da Cruz...

Nas noites brancas, quando a lua é toda círios,
O seu cálice é como entristecido altar
Onde se adora a dor dos eternos Martírios...

Dizem que então Jesus, como em tempos de outrora,
Entre as pétalas pousa, inundado de luar...
Ah! Senhor, a minha alma é como a passiflora!

ESCADA DE JACÓ
CAMINHO DO CÉU (XVII)
PRECE

(tradução de um poema de Jacques d'Avray [Freitas Valle])

[...]
Tu cuja voz atinge o Tempo e todo o Pousos,
Astro-Rei que venceste o mar em luta imerso,
E transformas o ancião em moço valoroso,
E poupas com o teu grande Amor todo o perverso:

Tu, DEUS, o Inspirador, Taumaturgo e Adivinho,
Dá-me alívio ao pesar, prodigando-me o Vinho
Que é o néctar celestial da eterna Moradia...
[...]²²

ESCADA DE JACÓ
CAMINHO DO CÉU (XXV)
SEXTA-FEIRA SANTA

Na Sexta-Feira Santa o silêncio profundo
Do céu me envolve todo em mágoa funerária.
Nem o mais leve sopro alenta os ares: a ária
Da platitude embala os corações no mundo.

Olho para o infinito e vejo, no fecundo
Lar dos astros surgir a lua imaginária:
Uma onda quieta, e após, outra vaga mortuária
— Nuvens mortas — do céu vêm divagar no fundo...

Pela estrada para onde, ó sonho, me conduzes,
Vejo marchando além silenciosos Cruzados,
E todo o espaço infindo a cobrir-se de cruces...

Nesse dia o relógio anda morte na torre,
Pois cada hora que passa é um dobre de finados,
Que se não ouve e que se perde e que além morre.

²² O original da passagem, conforme reproduzido em nota por João Alphonsus, seria "*Toi, dont la Voix atteint tous les Temps, tous les Lieux./ Toi, l'astre-Roi béni qui domine les Mers./ Toi dont la sève sait rajeunir les blancs vieux,/ Et dont la Bienveillance épargne les pervers;/ Toi, DIEU, l'Inspirateur, le Puisant, le Divin,/ Soulange ma souffrance, et prodigue le Vin/ Endormeur, le Nectar enivrant des Séjours*" (Poesias, 1938, p. 429).

ESCADA DE JACÓ
CAMINHO DO CÉU
XXVII

Ah! não irei jamais ao negro volutabro
Onde a tua alma desce e o teu corpo chafurda...
Que o mal, erguendo o colo, os vis boquejos urda
Para o carinho astral do céu os braços abro...

Altivo seguirei, mesmo que o inferno surda
Vazando os olhos fiéis que para a crença reabro.
Pois se a carne pecou, toda a minha alma é surda
Ao teu clamor, ao teu doidivagar macabro!

O verde-azul dos teus olhares de berilo,
Doce dama do Estige! hão-de encontrar-me quêdo,
Braços postos em cruz, para morrer tranquilo...

Serei o errante e velho e arqueado citaredo
Que um dia há-de expirar (e só tu hás-de ouvi-lo)
Ao gemido final da citara em segredo!

PULVIS
MEMENTO, HOMO, QUIA²³
I

Uma noite eu pensava em ti. No espaço a lua
Arrastava o eu manto imortal e nevado.
Moldurada no luar, inteiramente nua,
Vieste, branca de luz, para o osso noivado.

Nisto, como se o chão se abrisse, ergueu-se em meio
Da escura alcova a mais infernal e sombria
Visão do mundo, que para o meu lado veio,
E vendo-me a beijar o lírio do teu seio,
Diz: '*Memento, homo, quia...*'

Cheio de horror e mágoa, o fundo olhar aberto,

²³ Conforme informa João Alphonsus, esse poema, apesar de incluído em *Pulvis*, que traz as últimas produções do poeta, data em 1892, tendo sido escrito em São Paulo (*Poesias*, 1938, p. 430).

Perdido em preces rudas,
Fiquei horas sem fim quietamente desperto...
O silêncio pelo ar abria as asas mudas.

PULVIS
SONETOS
IV

Quando eu for bem velhinho, bem velhinho,
— Não tarda muito, não, meus companheiros!
Vó haveis-de florir de jasmineiros
A alameda final do meu caminho.

Deitem-me flores, vistam-me de linho
Da cor dos sonhos meus aventureiros,
E que eu fique a rezar dias inteiros,
Depois de feito o meu caixão de pinho.

Como o aroma sutil de um incensário,
Minh'alma irá galgando lentamente
A impiedosa ladeira do Calvário...

Pobre ancião! chegaste enfim ao poente.
Olha o que foste, doce visionário,
E fecha os olhos como um anjo doente!

PULVIS
SONETOS
VII

[...]
Vivendo sem saber por que é que vives,
Detém-te, ó tu que o espírito escureces
A resvalar pelos fatais declives...

Levanto ao céu os olhos compassivos:
E eis-me contrito e bom, ouvindo as preces
Que os mortos rezam pelos que estão vivos.

PULVIS
SONETOS

XV

Sob a lua tristonha de uns olhares
Onde vagam sonhos penitentes,
Vi noites, vi auroras e vi poentes
Sumirem-se por trás de estranhos mares...

As estrelas no céu, como colares,
Vinham cingir as nuvens transparentes.
Elas choravam, porque estavam doentes,
Mais pálidas que os Santos nos altares.

Longos outonos, longas primaveras
Durou-me o sonho albente, como dura
Toda ilusão nascida de outras eras...

Desperto enfim: uma esperança nova
Ante os meus olhos hibernais fulgura,
E entre as cinzas da tarde vejo a cova...

PULVIS
SONETOS
XXXVIII

Os duendes, trasgos, bruxos e vampiros
Vinham, num longo e tenebroso bando,
Os meus passos de múmia acompanhando,
Por entre litánias de suspiros...

Em tudo eu via os infernais retiros,
Onde ficava sem cessar sonhando:
E Satanás mostrava-me, nefando,
Negros sinais traçados em papiros...

Era, na sombra, o meu destino oculto,
— Sirtes, penhascos, saturnais, paludes,
Todo o mistério de um funéreo culto...

Mas de repente, os passos meus, tão rudes,
Firmaram-se no chão, e erguendo o vulto,
Vi-me amparado pelas Três Virtudes...

POEMA INACABADO²⁴

Na arquiiepiscopal cidade de Mariana,
Onde mais triste ainda é a triste vida humana,
A contemplar eu passo o dia inteiro, absorto,
Tudo que na minh'alma está de há muito morto,
No claro-escuro de uma ideal saudade
Que como ampla mortalha em treva escura invade
Os pindáricos sonhos da minh'alma,
Eu vejo tudo com tristeza e calma...

Ao discutir o caráter superficial da influência de Baudelaire no Brasil, Machado de Assis apontava para outro ponto importante. Em autores mais contundentes e expressivos ainda do nosso período romântico, como o Álvares de Azevedo (de "Pálida à luz da lâmpada"), encontra-se já, em sua própria "delicadeza" (e é preciso acrescentar, na autoironia fina com que aquele poema termina), algo que corrige seus excessos sentimentais e os torna tão ou mais convincentes que produções poéticas posteriores.²⁵ A poesia não se reduz a um suceder de escolas.

Nesse sentido, há um poeta relacionado a Alphonsus que, em relação a Baudelaire, talvez também merecesse ser resgatado — não pela sutileza refinada, mas pela brutalidade desimpedida, e a capacidade de plasmar efetivamente em verso uma sensualidade vertiginosa e visceral. Trata-se de Bernardo Guimarães, outro mineiro, tio avô de Alphonsus²⁶ por parte de mãe, também (bem antes dele) com passagem pela Faculdade de Direito de São Paulo. Alphonsus sempre mostrou consciência de ser sobrinho do célebre autor de *A Escrava Isaura* e *O Seminarista*, mas não só. Bernardo escreveu, além de romances bem comportados, *Elixir do pajé* e *A Origem do mênstruo*.²⁷

Do também seu *A Orgia dos Duendes*, reproduzimos aqui um pequeno poema, *Getirana*:

Por conselhos de um cônego abade
Dous maridos na cova soquei;
E depois por amores de um frade
Ao suplício o abade arrastei.

Os amantes, a quem despojei,

²⁴ Recolhido por João Alphonsus entre os autógrafos do poeta e transcrito por ele nas notas de *Poesias*, 1938, p. 410.

²⁵ Machado de Assis, "A Nova Geração", p. 197.

²⁶ *Poesias*, 1938, p. 384.

²⁷ Esses escritos obscuros de caráter humorístico tiveram sua importância redescoberta por Haroldo de Campos em finais da década de 1960, tendo sido também discutidos com propriedade pelo próprio Antonio Candido. São obras que parecem dialogar criticamente com autores como Victor Hugo e Théophile Gautier, valendo-se além disso de forma paródica do repertório do romance gótico de autores como Matthew Gregory Lewis e Ann Radcliffe, que à época circulavam pelo Brasil. Ver a "Introdução" de Duda Machado à edição da Hedra (São Paulo, 2010) de Bernardo Guimarães, *Elixir do Pajé, Poemas de Humor, Sátira e Escatologia*, p. 9-55.

Conduzi das desgraças ao cúmulo,
E alguns filhos, por artes que sei,
Me caíram do ventre no túmulo.

Outro mais imediatamente "baudelairiano" nos parece ser a ode "Ao Charuto", que assim inicia:

Vem, ó meu bom charuto, amigo velho,
Que tanto me regalas;
Que em cheirosa fumaça me envolvendo
Entre ilusões me embalas.

Oh! que nem todos sabem quanto vale
Uma fumaça tua!
Nela vai passear do bardo a mente
Às regiões da lua.

Tais poemas eram publicados em Ouro Preto em 1875. Baudelaire já tinha falecido em Paris há cerca de oito anos e Alphonsus não devia ter mais de 5. Embora de caráter "proibido", pode-se dizer que há uma tradição bem estabelecida desse tipo de poesia satírico-licenciosa em língua portuguesa que remonta a autores como Gregório de Mattos (no Brasil) e Bocage (em Portugal).

Como um derradeiro exemplo dessa mesma tradição, porque tem ele também um teor baudelairiano na força brusca — chocante (em sentido benjaminiano) — da virada final, vamos citar um poema (em termos cronológicos, muito posterior) do nosso mais rematado parnasiano:

"Clarinha, à mamãe, chorosa,
Conta o que lhe aconteceu:
"Eu ia silenciosa...
Um homem me apareceu..."

Estava deserta a estrada,
E não passava ninguém...
Parei, pálida e assustada;
Ele então parou também..."

Houve um silêncio de morte,
Um espanto entre nós dois...
Depois... como ele era forte...
E eu era fraca... depois..."

"Clara, você me consome!
(Brada a velha com furor)

Declare-me já o nome,
O nome do sedutor."

"Não sei". E no seu desgosto,
Na sua atrapalhação
Chora... "Porém viu-lhe o rosto,
Viu o rosto do vilão?"

"Não vi, tudo estava escuro...
Escuro... não vi... não sei!
E, demais, naquele apuro,
Não foi p'ro rosto que olhei..."²⁸

De resto, temos que aqui discordar rotundamente de Eduardo Horta Nassif Veras, quando ele afirma que, depois da semana de 22, a presença de Baudelaire na poesia brasileira "diminuiria" e restaria "pouco significativa".²⁹ Ele mesmo apresenta como exceção Vinícius de Moraes. Nossos exemplos mais significativos vêm sobretudo de Manuel Bandeira e Mário de Andrade (além de Oswald, em que aparece menos), mas estendemos essa influência até Paulo Leminski, passando por um autor (tradutor de Proust e poeta) que, como Freitas Valle, era gaúcho — ambos nascidos em Alegrete. Ao passo que o senador trocou o Rio Grande do Sul por São Paulo, seu conterrâneo, Mário Quintana, ficou pela capital do sul, que em termos de provincianismo pode ser que, até hoje, deva pouca coisa inclusive à velha Mariana, faltando-lhe, entretanto, a herança áurea.

Pode parecer forçado remeter a Baudelaire um poema curto como o "Elegia" de Quintana (1906-1994), que em suas duas sucintas linhas diz:

Minha vida é uma colcha de retalhos,
todos da mesma cor...

Mas há aqui a concisão da imagem, da "ideia", e essa ideia não é outra que não a do *spleen* — do tédio desagregado das grandes cidades. Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul, extremo sul do país) tem a vantagem, nesse sentido, de ser de fato (com relação às outras capitais brasileiras), a mais cinzenta, talvez, tirando São Paulo, uma das mais fuliginosas, se não por causa das fábricas, pela umidade e o frio.

De Quintana se poderia trazer pelo menos mais meia dúzia de exemplos. Não há espaço para eles todos, então proponho dois, entre eles "O espelho":

E como eu passasse por diante do espelho
Não vi meu quarto com as suas estantes

²⁸ O poema é de Olavo Bilac (1865-1918), mas não consegui identificar a data nem a obra de publicação original. Tirei-o de *Melhores Poemas*, Seleção Marisa Lajolo, São Paulo, Global, 2000.

²⁹ Eduardo Horta Nassif Veras, "Baudelaire Chez Les Poètes Brésiliens", p. 71.

Nem este meu rosto
Onde escorre o tempo.

Vi primeiro uns retratos na parede:
Janelas onde olham avós hirsutos
E as vovozinhas de saia-balão
Como paraquedistas às avessas que subissem do fundo do tempo.

O relógio marcava a hora
Mas não dizia o dia. O Tempo,
Desconcertado,
Estava parado.

Sim, estava parado
Em cima do telhado...
Como um cata-vento que perdeu as asas!

"Sabotagem" é outro poema curto, cuja unidade de concepção é abissal. O que nele, por outro lado, historicamente extrapola, e de forma radical, o contexto baudelairiano do século XIX, não deixa de ser — desse contexto — senão necessariamente uma consequência, o "progresso" fatal:

Estragaram o Grande Espetáculo do Juízo Final
Porque
Antes do veredicto
Fizeram explodir tudo quanto era bomba H
E apenas ficou no meio do deserto
— misteriosamente sorrindo —
A dentadura postiça de Jeová.

No caso de Manuel Bandeira (exatamente o mesmo que dirigiu e revisou a edição de 1938 que aqui usamos de *Poesias* de Alphonsus de Guimaraens — nascido em Recife em 1886 e falecido no Rio de Janeiro em 1968), há tantos poemas que optamos por citá-los numa seção em separado.³⁰ Um dos poetas brasileiros mais carismáticos, Bandeira tem consciência, por exemplo, da importância da produção de crítica da arte de Baudelaire,³¹ e defende paradoxalmente tanto a importância da noção de ritmo quanto (contra Valéry) o caráter mais "inconsciente" da sua própria produção.³²

"Noite Morta", por exemplo, faria parte de um volume intitulado *O ritmo dissoluto*, não sendo dissoluta de ritmo:

³⁰ Ver a próxima seção do volume, com seleção de poemas de Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

³¹ "... os artistas só nos reconhecem, a nós poetas, autoridade para falar sobre eles quando os lisonjeamos. Caso contrário, não passamos de poetas. Como se, sobre artes plásticas, por exemplo, alguém tivesse acertado mais do que um poeta — Baudelaire" (*Itinerário de Pasárgada*, São Paulo: Global, 2012, 127).

³² *Itinerário de Pasárgada*, p. 40, 94.

Noite morta.
Junto ao poste de iluminação
Os sapos engolem mosquitos.

Ninguém passa na estrada.
Nem um bêbado.

No entanto há seguramente por ela uma procissão de sombras.
Sombras de todos os que passaram.
Os que ainda vivem e os que já morreram

O córrego chora.
A voz da noite...
(Petrópolis, Rio de Janeiro 1921)

Esse poema é pra mim emblemático da noite como abertura para um tempo que não é Cronos, mas Aeon.³³ Trata-se de uma espécie de descida aos infernos, que remonta a um período mais arcaico dos próprios gregos, mas, tendo também algo de cristão, é uma redução ao absurdo do *locus* clássico do *carpe diem* — da ideia de que o mais importante seria aproveitar o momento presente, porque tudo passa. É como se a modernidade, na radicalidade do "progresso", acabasse mais por fissurar do que por consolidar nossa experiência do tempo. Quer dizer, o tempo se abre para um outro tempo, a noite do Aeon.

É o que me parece evidente em "para umas noites que andam fazendo" de Paulo Leminski (nascido em Curitiba em 1944 e falecido em 1989):

deixe eu abrir a porta
quero ver se a noite vai bem

quem sabe a lua lua
ou nos sonhos crianças
sombras murmuram amém

deixa ver quem some antes
a nuvem a estrela ou ninguém³⁴

³³ Sobre a diferença entre os dois conceitos, ver, por exemplo, Gilles Deleuze, *Logique du sens* (Paris, Les Éditions de Minuit, 1969), p. 13-14, 77-78. Embora estejamos dando ênfase, pelas conexões com Baudelaire, à experiência do tempo como Aeon, existe igualmente em Bandeira uma presença forte do tempo como mero Cronos que tudo reduz ao instante presente. Ela aparece em poemas como "O Descante de Arlequim" (o título é inclusive sugestivo) e "A Estrada".

³⁴ Publicado num livro póstumo de 1996, *O ex-estranho*.

Isso que a lua lua (que a lua faz, enquanto lua, que as sombras murmuram nas crianças que são sonhos), é sumir, mas um sumir em última instância de ninguém. Isto é, uma espécie de presença do que não aparece, e se impõe.

Embora soe mesmo algo "místico", não há necessariamente aqui nenhuma ingenuidade, como quando Leminski diz num verso de "temporal":

lua à vista
brilhavas assim
sobre auschwitz?
(*distraídos venceremos*, 1987)

O tempo pode fissurar por aceleração ou queda brusca — "parada cardíaca":

Essa minha secura
essa falta de sentimento
não tem ninguém que segure
vem de dentro

Vem da zona escura
donde vem o que sinto
sinto muito
sentir é muito lento
(*distraídos venceremos*, 1987)

E essa é uma experiência que coagula, por excelência, na escrita:

as coisas estão pretas

uma chuva de estrelas
deixa no papel
esta poça de letras
(*ideolágrimas*, 1983)

Voltando ao que a lua lua (ao que a lua faz, enquanto lua) — quer dizer, ao sumir de *ninguém*, isto é, à presença do que não aparece, que é também o aparecer do não presente, lia-se já em Oswald de Andrade (1890-1954), "caso":

A mulatinha morreu
E apareceu
Berrando no moinho
Socando pilão
(Poemas da colonização)

E o principal da experiência desses autores vem, não custa insistir, da cidade, cuja experiência vertiginosa, eles esconjuram de forma efetiva em imagem. Vejamos Oswald de novo, em "bonde":

O transatlântico mesclado
Dlendlena e esguicha luz
Postretutas e famias sacolejam
(RP1)

Mário de Andrade (1893-1945) é, junto com Manuel Bandeira, o autor em que mais exemplos encontramos dessas tendências todas, que nos remetem à constelação baudelairiana. Vamos terminar esse texto dando um último exemplo dele, e deixando os seus outros para transcrever à parte (ao lado dos demais de Bandeira e mais um de Quintana, que não poderíamos omitir).

O bonde abre a viagem,
No banco ninguém,
Estou só, stou sem.

Depois sobe um homem,
No banco sentou,
Companheiro vou.

O bonde está cheio,
De novo porém
Não sou mais ninguém.
(Lira paulistana)

* * * * *

Às vezes se esquece, mas existe em verdade um lado em Baudelaire que é solar ("*... mes yeux consumés ne voient que des souvenirs de soleils*")³⁵ — lado semelhante àquele que já referimos, ao considerar Cesário Verde, como projetado numa ambiência exótica. Precisa caber ainda, portanto, aqui um poema de Mário de Andrade exemplar no resgate dessa temática, que em Baudelaire se desdobrava em poemas tanto do *Spleen de Paris* como de *Fleurs du Mal*.³⁶

O poema andradiano de que falamos está em Lira Paulistana:

Numa cabeleira pesada
Que ondula defronte de mim
No bonde,
Há reflexos de sol vermelho.

³⁵ *Fleurs du mal: Les plaintes d'un Icare*.

³⁶ "*Parfum exotique*", "*La Chevelure*", "*À une Dame creole*", "*La belle Dorothée*".

Um calor nasce no meu corpo
Que todo se desfolha em dedos
 Amigos
Que eu perco pelas multidões.

Os reflexos do sol vermelho
Incendeiam as multidões
 Felizes
Que construirão a outra São Paulo

Que reconduzirá meus dedos
Para a conclusão do meu corpo
 No leito
Duma cabeleira pesada.

Quanto à produção poética de Augusto de Campos, de quem até aqui, só tínhamos considerado algumas contribuições de crítica, todas pertinentes (e "machadianas"), daremos também um exemplo baudelairiano através de uma montagem de humor-horror kafkiana, na seção de iconografia igualmente preparada para esse volume.